



Agroecologia nos corpos e na boca do povo: ativismo ocupando espaços e conquistando outras territorialidades

Agroecology in the bodies and mouths of the people: activism occupying spaces and conquering other territorialities

DELWING, Andrea Becker¹; IORIS, Edviges Marta²

¹ Professora do IFSC, doutoranda em Antropologia Social UFSC; abdelwing@gmail.com ; ² IORIS, Edviges Marta. Professora do PPGAS UFSC, e mioris@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Arte, cultura, comunicação popular e agroecologia

Resumo: Ativismo, território, territorialidade, pedagogias ancestrais, direitos da natureza, feminismo, gênero e agroecologia. Como uma colcha de retalhos, trazemos aqui o desafio de olhar para um conjunto de novos ângulos e recortes epistemológicos e científicos, buscando neles uma nova conexão, uma realocação. Partimos de intercruzamentos de análises teóricas de Di Giovanni e Célia Xakriabá, buscando dialogar com a potencialidade da arte de ocupar espaços e de reterritorializar. A partir da vivência no 19º Acampamento Terra Livre, em Brasília, do olhar fotográfico e do desenho com pigmentos naturais, buscamos novas miradas a partir de sujeitos que partem de seus territórios geográficos, os territórios de terra e que, num devir de luta e poesia, os expandem, os ressignificam e os reterritorializam.

Palavras-chave: territórios; corpos-territórios; acampamento terra livre; bem viver; manifestações populares.

Introdução

Estratégias que misturam arte, política, antropologia, ecologia, dentre outras áreas do conhecimento tem lidado com problemas relevantes, especialmente devido à abordagem interdisciplinar, reunidas provisoriamente sob a noção de ativismo. Di Giovanni (2015) avalia que esta onda de reinvenção de formas de protesto é crescente nos últimos anos, e que a criatividade plástica e a atenção à dimensão estética e simbólica das ações coletivas assume um lugar cada vez mais importante para os movimentos sociais. A agroecologia, especialmente nos últimos anos, tem tido importantes aberturas e vem abraçando a arte de forma crescente em seu saber-fazer epistêmico.



Metodologia

A pesquisa foi realizada utilizando-se da etnografia como base de análise, sendo as dinâmicas do mundo contemporâneo, onde a relação entre o/a etnógrafo/a e o/a sujeito/a se altera e os espaços de pesquisa dialogam com arenas multidisciplinares, passando a analisar as/os sujeitos/as em distintos espaços, ou espaços multilocais, buscando a construção de tal pesquisa a partir de uma variada gama de espaços e interações sociais. De forma mais específica e prática, foi vivenciado um espaço de efervescência política de movimentos indígenas em que a luta pelos territórios é central. Neste contexto, o foco de análise foi a arte e o ativismo, em suas distintas manifestações, como criadores e potencializadores dos territórios simbólicos e corpos-territórios das ações em manifesto. Como este trabalho está em construção, aqui apresentamos uma das experiências vivenciadas a partir da pesquisa participante: o 19º Acampamento Terra Livre, em Brasília. Nesta experiência, buscamos dialogar a partir dos atravessamentos da arte e os potenciais dos territórios simbólicos em ocupação.

Resultados e Discussão

Di Giovanni (2015) situa o surgimento do ativismo como categoria analítica e forma de ação coletiva a partir do que se convencionou chamar de movimento anti globalização. Tal movimento se dá num cenário recente, em que as concentrações de riquezas são sem precedentes a nível mundial, num mundo dominado pela eminência de catástrofes climáticas, militarização das políticas de controle social pautada no combate ao terrorismo e guerra às drogas. Para a autora, o neologismo ainda sugere que a análise dessas formas de ação representa um desafio inclusive do ponto de vista lexical. Arte, ativismo, estética e política, são todos insuficientes e vagos ao que queremos descrever.

Alguns trabalhos recentes, especialmente aqueles de autores indígenas, negros ou mesmo aqueles cuja dissidência os fazem estabelecer outros diálogos, fora do conhecimento hegemônico, nos tem trazido formas de percepção de outros fazeres, de outras temporalidades, que se apresentam como espaços de reinvenção do conhecimentos teóricos produzidos no *centro*. As pedagogias ancestrais têm tomado espaços, sejam elas visibilizadas por esta terminologia ou não. Celia Xakriabá, Daniel Munduruku, Rosilene Fonseca, Davi Kopenawa, Eliane Potiguara, Antônio Bispo dos Santos, dentre muitos outros, são alguns teóricos fora do centro que tem apontado que talvez o centro seja outro, ou sejam vários, e que tem dado importantes recados quanto nossa forma de perceber, viver e sentir outros(s) mundo(s).

Sentir: talvez o central para compreensão de caminhos possíveis às mudanças necessárias de nossos tempos esteja no desabrochar das sensorialidades. Mas, quem pode sentir? Trata-se de algo comum aos humanos ou um privilégio de alguns poucos abastados da volúpia de ter tempo e deleite em ser e estar? Como nos remete à reflexão Paulo Freire, na sua obra *Pedagogia da Liberdade*, o que se percebe, no dia a dia, é o ser humano simples acomodado, convertido em mero espectador:



Mas, infelizmente, o que se sente, dia a dia, com mais força aqui, menos ali, em qualquer dos mundos em que o mundo se divide, é o homem simples esmagado, diminuído e acomodado, convertido em espectador, dirigido pelo poder dos mitos que forças sociais poderosas criam para ele. Mitos que, voltando-se contra ele, o destroem e aniquilam. É o homem tragicamente assustado, temendo a convivência autêntica e até duvidando de sua possibilidade. Ao mesmo tempo, porém, inclinando-se a um gregarismo que implica, ao lado do medo da solidão, que se alonga como “medo da liberdade”, na justaposição de indivíduos a quem falta um vínculo crítico e amoroso, que a transformaria numa unidade cooperadora, que seria a convivência autêntica (Freire, 1999, p. 44).

Seguindo nessas costuras, na tentativa de alinhar conceitos para se criar novas formas de dar sentido a existências outras que chegamos, pelo sentir, no território. Neste trabalho, através da concepção de corpo-território, de Célia Xakriabá (2018), da pedagogia territorializada, de pensar o território de terra, mas também de luta, de arte e de sensibilidade, a ocupar todos outros espaços, adentrar um pouco nas lutas territoriais, que aqui queremos nos debruçar. Como diz Célia: o território é corpo território pois exige uma percepção de outra temporalidade, outra epistemologia (**Fig 1**).

É preciso deixar a sabedoria chegar, pois os conhecimentos do centro, fragmentado, estão em crise. E pra que ela chegue, somente com outra temporalidade, com poesia, com arte, com sensibilidade. É de territórios de efervescência e da possibilidade de vãos para além do território de terreno que aqui me propomos: interessam os territórios sagrados, os territórios de luta de distintas vertentes oriundas dos movimentos sociais diversos, sustentados e multiplicados, em tamanho, expressão e força pelo ativismo (**fig 2**).



Fig 1. Corpos-territórios de etnias indígenas diversas durante a primeira marcha do 19º ATL: representatividade do movimento LGBTQIAPN+ nas ocupações rumo à Esplanada dos Ministérios. Imagem de Andrea B. Delwing (2023).



Fig 2. Marcha do 19º ATL em que povos indígenas decretam emergência climática. Mulher indígena tem tubos de oxigênio acoplados a recipientes com plantas. Caminhada rumo à Esplanada dos Ministérios. Imagem Andrea B. Delwing (2023).

A forma de análise de Di Giovanni, em seu ensaio ‘Artes de abrir espaços’, nos fazem distanciar o foco sobre a natureza do ativismo, já que há uma proposição de abordagem etnográfica dos modos de fazer que constituem uma dimensão da ação social comum entre ativismos e processos artísticos, enquanto procedimento fundamental à conceituação desse terreno de experiência contemporânea feito de práticas em trânsito entre arte e política borram as fronteiras entre os dois termos. Além de indagar sobre seus impactos e resultados externos, de seus fins, de seus meios e dos sujeitos que as levam a cabo, a potência do encontro é colocada em questionamento como elemento fundador a estas formas de manifestação.

Segundo Mauss (2003), mana é criador de vínculo social. Mana sugere que os modelos epistemológicos escapam às leis objetivas da dedução e da indução, que há neles uma forma de imaginação ativa nem sempre explicável e por isso ela não obedece à lógica da homogeneidade nem da consciência (Perencini, 2020, p 33.) Ao passar pela sensorialidade, as ações artivistas chegam de forma mais profunda nas mentes e corpos humanos, de forma parecida como acontece quando assistimos a uma peça de teatro, vamos a um museu ou a um recital, como o mana, visceralmente chegando perto, dentro, junto (**Fig 3**).



Fig 3. Arte feita de biotintas. Inspiração a partir das vivências experienciadas no 19º ATL: pigmentos naturais - spirulina verde e azul, tintas de argilas variadas, cúrcuma, caroço de abacate, carvão, jenipapo e nanquim. Arte de Andrea B. Delwing.

Conclusões

Os ativismos e as representações populares de territórios simbólicos, em suas variadas forças de expressão e luta, vem se reinventando. O manejo e cultivo dos conhecimentos, das sementes, dos produtos da terra e dos territórios geográficos são afetados e se redimensionam a partir dos territórios simbólicos ou corpos-territórios em ocupação. A arte e o ativismo protagonizam e potencializam as lutas em tais espaços. Distintas frentes de lideranças em diferentes territórios nos trazem novas estratégias forjadas em resistências e no bem viver (Acosta, 2016). São caminhos que buscam nas memórias artísticas e culturais as suas (re)articulações e transformações frente a tantos desafios. Tais protagonismos ressignificam existências e reverberam expressões artísticas de distintas formas, sendo caminhos de grande potência na luta pelos territórios e para o avanço da Agroecologia.

Agradecimentos

Agradeço à acolhida e aos aprendizados a todas, todos e todes presentes no 19º Acampamento Terra Livre. Agradeço ao Instituto Federal de Santa Catarina e à Universidade Federal de Santa Catarina, por me propiciarem este tempo de aprendizados e conexões.



Referências bibliográficas

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016. 264p.

CORREA XAKRIABÁ, Celia Nunes. **O Barro, o Genipapo e o Giz no fazer epistemológico de Autoria Xakriabá**: reativação da memória por uma educação territorializada/, Célia Nunes Correa Xakriabá. Dissertação de Mestrado, MESPT, UNB. Brasília – DF, 2018. 218 p.

DI GIOVANNI, Julia Ruiz, Artes de abrir espaço. Apontamentos para a análise de práticas em trânsito entre arte e ativismo, **Cadernos de Arte e Antropologia**, Vol. 4, No 2, 2015. Pp.13-27.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

PERENCINI, Tiago B. Educação, filosofia e magia: uma anarqueologia do cuidado de si entre o Daimon e os sonhos [online]. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura cadêmica, 2020, 366 p. ISBN: 978-65-5954-001-3. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/ybyp8>. <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-5954-001-3>, acesso em 18 de janeiro de 2023.